

RESENHA

KOPENAWA, Davi; ALBERT, Bruce. *A queda do céu. Palavras de um xamã Yanomami*. Tradução de Beatriz Perrone-Moisés. São Paulo: Companhia das Letras, 2015, 729 p.

O xamã yanomami — cujo testemunho pode ser lido adiante — não dissocia a sina de seu povo da do restante da humanidade. Não são apenas os índios, mas também os brancos, que estão ameaçados pela cobiça do ouro e pelas epidemias introduzidas por estes últimos. [...] É emblemático que caiba a um dos últimos porta-vozes de uma sociedade em vias de extinção, como tantas outras, por nossa causa, enunciar os princípios de uma sabedoria da qual também depende — e somos ainda muito poucos a compreendê-lo — nossa própria sobrevivência.

Epígrafe de Lévi-Strauss (escrita em 1993)

Toda carreira etnográfica principia em ‘confissões’, expressas ou caladas¹. *A queda do céu* é um trabalho antropológico simétrico e dialógico de confissões ritmadas e aceleradas que nos desemudece e tanto provoca. É resultado de um pacto etnográfico², entre o etnólogo francês, Bruce Albert - que trabalha há quatro décadas na terra indígena Yanomami - e o xamã e porta-voz Yanomami, Davi Kopenawa - presidente fundador da associação Hutukara representando a maioria dos Yanomami no Brasil - após longos anos de trabalho juntos. A narrativa fala do Brasil do ponto de vista dos povos indíge-

* Recebido em: 05.02.2017. Aprovado em: 10.05.2017.

** Doutoranda em Antropologia Social - PPGAS/UFG. Mestre em Ciências Sociais - Desenvolvimento, Agricultura e Sociedade - CPDA/UFRRJ. Bacharela em Ciências Sociais - UNIMONTES

nas em constante embate com os não-índios/Branco (de dentro e de fora das fronteiras geopolíticas brasileiras).

Este pacto etnográfico, nas palavras de Albert, pressupõe três aspectos indissociáveis: “Em primeiro lugar, evidentemente, fazer justiça de modo escrupuloso à imaginação conceitual de meus anfitriões; em seguida, levar em conta com todo o rigor o contexto sociopolítico, local e global, com o qual sua sociedade está confrontada; e, por fim, manter um olhar crítico sobre o quadro da pesquisa etnográfica em si” (p.520).

Os mais de 21 mil Yanomami do Brasil vivem entre o oeste de Roraima e norte do Amazonas, apesar de possuírem território de aproximadamente 97.000 quilômetros quadrados - homologado como Terra Indígena Yanomami em 1992 via decreto presidencial à partir da luta de Davi e Albert – sofrem constantes invasões. A Funai e Polícia Federal atuam na tentativa de afugentar destas terras garimpeiros, produtores agrícolas, agropecuaristas e mineradores. Ainda assim estas terras são alvo de uso predatório, derrubadas e queimadas. Mais da metade do território é mira de “seiscentos pedidos ou concessões de prospecção mineral registrados junto ao Ministério de Minas e Energia feitos por empresas públicas e privadas, nacionais e multinacionais” (p.563).

A queda do céu faz alusão ao mito do fim da primeira humanidade que os Yanomami prefiguram acontecer novamente, diante do descompasso das ações desenvolvimentistas “mortíferas dos minérios e combustíveis” (p.547) que desencadeiam conflitos ambientais de várias ordens. O livro carrega consigo uma memória das tragédias que atingiram e atingem a Amazônia desde a década de 50/60 com os projetos de expansão nacional, fortalecidos à época da Ditadura de Militar, que causaram e causam devastação social e ambiental atingindo-nos como um alerta para a nossa atual condição humana à luz de uma análise minuciosa de uma visão de mundo ocidental em contato com alteridades radicais.

Em um contexto de fragilidade econômica, social e política tão delicado no Brasil, esse livro, seus prenúncios e “profecia cosmoecológica sobre a morte dos xamãs e o fim da humanidade” (p.52) fazem-se cada vez mais reais. Sua primeira versão publicada na França em 2010 pela coleção *Terre Humaine* já foi resenhada em português³ em outros momentos por autores um tanto quanto conhecedores do Povo Yanomami, seu ethos e cosmologia.

A floresta está viva. Só vai morrer se os brancos insistirem em destruí-la. Se conseguirem, os rios vão desaparecer debaixo da terra, o chão vai se desfazer, as árvores vão murchar e as pedras vão rachar no calor. A terra ressecada ficará vazia e silenciosa. Os espíritos xapiri, que descem das montanhas para brincar na floresta em seus espelhos, fugirão para muito longe. Seus pais, os xamãs, não poderão mais chamá-los e fazê-los dançar para nos proteger. Não serão capazes de espantar as fumaças de epidemia que nos devoram. Não conseguirão mais conter os seres maléficos, que transformarão a floresta num caos. Então morreremos, um atrás do outro, tantos os brancos quanto nós. Todos os xamãs vão acabar morrendo. Quando não houver mais nenhum deles vivo para sustentar o céu, ele vai desabar. Epígrafe de Davi Kopenawa para *A queda do céu*.

Na visão de Viveiros de Castro nenhum projeto antropológico radical da escola do contato interétnico reformulada em uma “doutrina da etnicidade” (p.33) “chegou nem sequer perto de abrir a fenda na muralha dialógica erguida entre os índios e brancos que *A queda do céu* teve a capacidade de abrir” (p.33). A questão da autoria é problematizada das palavras iniciais às finais, na tentativa de mostrar que existe uma

multiplicidade de vozes que nos falam à partir de um duplo ‘eu’: Davi Kopenawa (autor das palavras transcritas) e Bruce Albert (responsável pela transcrição e tradução da fala à escrita).

Davi Kopenawa pactuou com Bruce Albert o registro do conhecimento Yanomami em uma ‘pele de imagens’ para que nós brancos pudéssemos ter acesso amplo ao saber desse povo e sua defesa pela terra-floresta e suas montanhas. Este processo foi iniciado no final da década de 1980, à época da corrida pelo Ouro em Roraima.

Diante de uma invasão diária às terras indígenas pelos garimpeiros, com a proliferação da “fumaça do ouro” (p.530) que causava problemas da ordem epidemiológica, ecológica e espiritual (com as mortes dos xamãs), com uma maciça ação dos militares que favoreciam esta entrada, Davi, em uma viagem à Brasília em 1989, assiste a reportagem veiculada na TV Globo sobre o avanço do garimpo e a extensão da ação dos garimpeiros nas terras altas da sua região. Diante do horror que passava aos seus olhos manteve-se pensativo até que começa, naquele momento, a elaborar sua profecia sobre *A queda do céu*.

Incentivado pela antropóloga Alcida Ramos, grava uma mensagem com suas reflexões em Yanomami para Bruce Albert. Foi nesse dia em que irrompeu a tão conhecida frase: “Os brancos não sabem sonhar, é por isso que destroem a floresta desse jeito” (p. 531). Desse momento em diante o pacto etnográfico é selado entre estes dois homens no intuito de difundir o conhecimento tradicional xamânico dos Yanomami e divulgar todos os conflitos que esse povo foi submetido desde então. Davi afirma que “nós, índios, precisamos de antropólogos que tenham coragem, antropólogos que falem nossa língua. Precisamos de antropólogos que venham nos trazer notícias do que os brancos estão fazendo, do que o governo está dizendo, do que os governos estrangeiros estão dizendo” (p. 530).

Somo levados a compreender que “o ‘eu’ narrador é indissociável de um ‘nós’ da tradição e da memória do grupo ao qual ele quer dar voz; (...) é um ‘eu’ coletivo tornado autoetnógrafo, movido pelo desejo ao mesmo tempo intelectual, estético e político de revelar o saber cosmológico e a história trágica dos seus” (p.539). O ‘eu’-narrativo do Davi revela consigo as vozes: do seu falecido padrasto, segundo marido de sua mãe, que o criou e ensinou os primeiros passos do conhecimento xamânico; seu sogro Lourival que o iniciou no xamanismo, e auxiliou na elaboração e interpretação da sua crítica ao mundo dos brancos; e dos espíritos *xapiri*.

No prefácio intitulado “O recado da mata”, Eduardo Viveiros de Castro faz um trocadilho com o conto “O recado do Morro” de João Guimarães Rosa para anunciar que *A queda do céu* é um recado que vem da Mata⁴ e assim, como a obra Roseana, traz à tona a problemática do destino da civilização brasileira relacionado ao contexto de desbravamento das matas/sertões, suas emboscadas, enigmas e presságios e ainda tenciona a máquina do mundo e sua natureza mítica das coisas⁵. Viveiros de Castro aproveita o espaço para se posicionar politicamente diante da conjuntura Brasileira em relação à gestão da terra/solo e água, bem como para questionar e amarrar as teorias antropológicas disponíveis com o fazer antropológico em relação aos Yanomami, aos Povos e comunidades tradicionais, à ética/compromisso do texto etnográfico pós-colonial.

Julgo, pela minha leitura e pela multiplicidade de vozes presentes no texto, que poderíamos ler cada parte do livro de acordo com nossos interesses particulares sem que se siga a própria ordem de disposição do texto. Os temas estão amarrados em si ao mesmo tempo em que permitem várias digressões.

A versão, como nos é apresentada, é composta por:

- duas epígrafes iniciais escritas por Claude Lévi-Strauss e Davi Kopenawa;
- um prefácio escrito por Eduardo Viveiros de Castro chamado O recado da Mata;
- duas apresentações/introduções: Prólogo, de B. Albert; e Palavras dadas, de D. Kopenawa);
- duas conclusões: Palavras de *Omama*, de D. Kopenawa e Postscriptum – Quando eu é um outro (e vice-versa), de B. Albert.
- quatro anexos organizados por B. Albert para uma melhor compreensão do I- Etnônimo, língua e ortografia; II – Os Yanomami no Brasil; III – A respeito de Watoriki⁶; IV – O massacre de Haximu⁷.
- dois glossários: I – Etnobiológico; II – Geográfico;
- O desenrolar do livro é dividido em três partes de oito capítulos cada.

Além disto, ao longo da leitura somos surpreendidos com mapas, fotografias e ilustrações (desenhadas por Davi) que compõe essa marcante “dualidade de vozes entrelaçadas” (p.30) que mesclam “história pessoal e destino coletivo” (p.50).

A primeira parte do livro, intitulada *Devir Outro*, relata os primeiros ensinamentos no xamanismo, os vínculos com os espíritos *xapiri*, a iniciação xamânica de Davi feita pelo seu sogro e os conhecimentos dos antigos xamãs. Inicialmente ele narra que antes dos brancos eles tinham apelidos dados pelos familiares e na adolescência isso se perdia. Eles poderiam ter algum nome, desde que o nomeado não soubesse e que ninguém falasse em voz alta. Caso isso acontecesse a vingança vinha em seguida. Quando tornou-se homem os brancos resolveram chamá-lo Davi Xirina e só depois quando tornou “homem de verdade” que o seu último nome Kopenawa veio até ele: “esse é um verdadeiro nome yanomami. Não é nem nome de criança nem um apelido que outros me deram” (p.71). Foram os espíritos que deram a ele este nome, Kopenawa, “em razão da fúria que havia [...] para enfrentar os brancos” (p.72). Durante a infância e início da vida adulta Davi se amedrontava com os *xapiri* durante seus sonhos. Aos poucos foi encontrando ensinamento nas conversas com seu padraço e sogro, para só então entender que não se torna xamã “comendo carne de caça ou plantas das nossas roças, e sim graças às árvores da floresta. É o pó de *yákoana*, tirado da seiva das árvores *yákoana hi*, que faz com que as palavras dos espíritos se revelem e se propaguem ao longe. A gente comum é surda a elas, mas, quando nos tornamos xamãs, podemos ouvi-las com clareza” (p.136). Os *xapiri* trabalham para impedir que o caos tome conta das florestas, “protegem contra todas as coisas ruins: a escuridão, a fome e a doença” (p.216).

A segunda parte, *A fumaça do metal*, relata o contato com os brancos, os conflitos com os garimpeiros, o impacto da abertura da estrada Perimetral Norte e o trabalho missionário. Na crença dos antigos, *Omama* deu vida primeiro aos indígenas e demorou até chegar o tempo em que os brancos passassem a existir.

No primeiro tempo, os brancos estavam longe de nós. Ainda não tinham trazido o sarampo, a tosse, a malária para nossa floresta. Nossos ancestrais não adoeciam tanto quanto nós, hoje. Gozavam de boa saúde a maior parte do tempo e, quando morriam, as fumaças de epidemia não sujavam seus fantasmas (p. 224).

Os primeiros brancos que Davi conheceu na infância eram da Inspetoria ou soldados. Nessa época os moradores da sua casa ficaram com medo que eles levassem

suas crianças como acontecia nas histórias que seus avós contavam. Logo depois viu os seus morrerem queimando em febre, atingidos por uma epidemia de sarampo. Tempos depois, já iniciado seu trabalho de intérprete para Funai, foi a vez da transmissão da tuberculose que o afastou da floresta e do trabalho por um ano.

Como intérprete, eu pensava em ajudar mais aos meus do que aos brancos. Dizia para mim mesmo: 'Os habitantes da floresta que eu visito em minhas viagens são Yanomami como eu. Devo ficar ao lado deles, ajudando, porque não falam nenhuma língua a não ser a nossa.' [...] Todas essas viagens por nossa floresta e pelas cidades acabaram fazendo com que eu entendesse melhor o que estava ocorrendo com nossa terra. [...] Foi por causa dessas viagens que comecei a pensar: 'Você deve proteger sua gente! Precisa defender a floresta!' (p.320).

A terceira parte que leva o nome do livro, *A queda do céu*, narra as viagens xamânicas de Davi e suas reflexões a cerca do mundo, das mortes do seu povo, do mundo dos brancos, desmatamento da floresta, a articulação do/no movimento indígena em ações nacional e internacional, e como é falar aos brancos. “Os antepassados dos brancos não cuidaram da floresta em que vieram à existência como os nossos. Cortaram quase todas as suas árvores para abrir roças imensas. Vi com meus olhos o pouco que dela resta, como pequenas manchas, aqui e ali” (p.404). Para Davi os brancos se acham espertos porque não se cansam de inventar objetos novos e sempre querem coisas novas, mas essas mercadorias acabarão e não nos damos conta. “Nós, habitantes da floresta, só gostamos de lembrar dos homens generosos. Por isso temos poucos bens e estamos satisfeitos assim. Não queremos possuir grandes quantidades de mercadoria. Isso confundiria nossa mente. Ficariamos como o branco” (p.420). O que hoje chamamos de ecologia é o que os Yanomami chamam de antigas palavras herdadas por *Omama* aos seus ancestrais e aos espíritos *xapiri* que protegem a floresta.

As palavras de ecologia, para eles, eram achar que Omama tinha criado a floresta para os humanos viverem nela sem maltratá-la. [...] Nossos pais e avós não puderam fazer os brancos ouvirem suas palavras sobre a floresta, porque não sabiam sua língua (p.480).

Sem dúvidas, esse livro oportuniza um conhecimento profundo da profecia cosmoecológica dos Yanomami e junto com ele um panorama da questão indígena no Brasil.

Notas

- 1 Claude Lévi-Strauss (1973, p.48) citado por Bruce Albert no post-scriptum, p. 512.
- 2 “(em cujas linhas se firmam um pacto xamânico)” (p.12)
- 3 2014: <http://www.ecodebate.com.br/2014/03/06/resenha-do-livro-de-davi-kopenawa-e-bruce-albert-la-chute-du-ciel-paroles-dun-chaman-yanomami-por-monica-c-lepri/>
2013: http://www.rau.ufscar.br/wp-content/uploads/2015/05/vol5no1_09.Kelly_.pdf
- 4 Como se fosse “uma revelação, captada não pelo interessado e destinatário, mas por um marginal da razão, e veiculada e aumentada por outros seres não reflexivos, não-escravos ainda do intelecto: um menino, dois fracos de mente, dois alucinados – e, enfim, por um artista; que, na síntese artística, plasma-a em canção, do mesmo modo perfazendo, plena, a revelação inicial” (ROSA, 1984).
- 5 Expressões usadas por Viveiros de Castro e retiradas do poema “A máquina do mundo”, de Carlos Drummond de Andrade.
- 6 Significa Moinhos de Vento. É o nome da comunidade que Davi Kopenawa vive com sua família

no extremo nordeste do estado do Amazonas.

- 7 “Haximu” é a versão aportuguesada do topônimo Yanomami Hw axima u, “rio do inhambuaçu”. O grupo local da nascente do Orinoco, que teve 16 Yanomami assassinados por garimpeiros em 1993.

Referências

KOPENAWA, Davi; ALBERT, Bruce. *A queda do céu. Palavras de um xamã Yanomami*. Tradução de Beatriz Perrone-Moisés. São Paulo: Companhia das Letras, 2015, 729 p.